



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À CUBA **HOMILIA DO SANTO PADRE**
NA SANTA MISSA CELEBRADA
NA PRAÇA JOSÉ MARTÍ DE HAVANA

25 de Janeiro de 1998

1. «*Este é um dia consagrado ao Senhor, vosso Deus; não vos entristeçais nem choreis*» (Ne 8, 9). Com grande alegria presido à Santa Missa na Praça «José Martí», no *domingo, dia do Senhor*, que deve ser dedicado ao descanso, à oração e à convivência familiar. A Palavra de Deus convoca-nos para crescermos na fé e celebrarmos a *presença do Ressuscitado no meio de nós*, que «*fomos batizados num mesmo Espírito, a fim de formarmos um só corpo*» (1 Cor 12, 13), o Corpo místico de Cristo que é a Igreja. Jesus Cristo une todos os batizados. D'Ele flui o amor fraterno tanto entre os católicos cubanos como entre os que vivem em qualquer outra parte, porque são «*corpo de Cristo e cada um é seu membro*» (1 Cor 12, 27). A Igreja em Cuba, pois, não está sozinha nem isolada, mas faz parte da Igreja universal espalhada pelo mundo inteiro.

2. Saúdo com afecto o Cardeal Jaime Ortega, Pastor desta Arquidiocese, e agradeço-lhe as amáveis palavras com que, no início desta celebração, me apresentou as realidades e as aspirações que marcam a vida desta comunidade eclesial. Saúdo de igual modo os Senhores Cardeais aqui presentes, vindos de diferentes lugares, assim como todos os meus Irmãos Bispos de Cuba e de outros Países, que quiseram participar nesta solene celebração. Saúdo cordialmente os sacerdotes, religiosos, religiosas e os fiéis reunidos em tão grande número. A cada um asseguro o meu afecto e proximidade no Senhor. Saúdo com deferência o Senhor Presidente, Doutor Fidel Castro Ruz, que quis participar nesta Santa Missa.

Agradeço também a presença das autoridades civis que hoje quiseram vir aqui e estou-lhes reconhecido pela cooperação prestada.

3. «*O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu, para anunciar a Boa Nova*» (Lc 4, 18). Todo o ministro de Deus tem que fazer suas na própria vida estas palavras, que Jesus pronunciou em Nazaré. Por isso, ao estar entre vós quero dar-vos a boa nova da esperança em

Deus. Como servidor do Evangelho trago-vos esta *mensagem de amor e de solidariedade* que Jesus Cristo, com a Sua vinda, oferece aos homens de todos os tempos. Não se trata de modo algum de uma ideologia nem de um sistema económico ou político novo, mas de um *caminho de paz, justiça e liberdade verdadeiras*.

4. Os sistemas ideológicos e económicos, que se sucederam nos dois últimos séculos, com frequência potenciaram o confronto como método, já que continham nos seus programas os germes da oposição e da desunião. Isto condicionou profundamente a sua concepção do homem e as suas relações com os outros. Alguns desses sistemas pretenderam também reduzir a religião à esfera meramente individual, despojando-a de toda a influência ou relevância social. Neste sentido, cabe recordar que *um Estado moderno não pode fazer do ateísmo ou da religião um dos seus ordenamentos políticos*. O Estado, longe de todo o fanatismo ou secularismo extremo, deve promover um sereno clima social e uma legislação adequada, que permita a cada pessoa e a cada confissão viver de maneira livre a sua fé, expressá-la nos âmbitos da vida pública e contar com os meios e espaços suficientes para oferecer à vida nacional as suas riquezas espirituais, morais e cívicas.

Por outro lado, ressurgem em vários lugares uma forma de *neoliberalismo capitalista* que subordina a pessoa humana e condiciona o desenvolvimento dos povos às *forças cegas do mercado*, impondo um gravame, a partir dos seus centros de poder, aos povos menos favorecidos com ônus insuportáveis. Assim, por vezes, impõem-se às nações, como condições para receber novas ajudas, *programas económicos insustentáveis*. Deste modo, assiste-se no concerto das nações ao *enriquecimento exagerado de poucos à custa do empobrecimento crescente de muitos*, de forma que os ricos são cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

5. Queridos irmãos: *a Igreja é mestra em humanidade*. Por isso, perante estes sistemas, ela propõe *a cultura do amor e da vida*, devolvendo à humanidade a esperança no poder transformador do amor, vivido na unidade querida por Cristo. Para isso deve-se percorrer um *caminho de reconciliação, de diálogo e de acolhimento fraterno* do próximo, de todo o próximo. Pode-se dizer que este é o Evangelho social da Igreja.

A Igreja, ao levar a cabo a sua missão, *propõe ao mundo uma justiça nova*, a justiça do Reino de Deus (cf. *Mt 6, 33*). Em diversas ocasiões referi-me aos temas sociais. É preciso continuar a falar disto, enquanto no mundo existir uma injustiça, por pequena que seja, pois do contrário a Igreja não seria fiel à missão confiada por Jesus Cristo. *Está em jogo o homem*, a pessoa concreta. Ainda que os tempos e as circunstâncias mudem, há sempre quem necessita da voz da Igreja, para que sejam reconhecidos as suas angústias, os seus sofrimentos e as suas misérias. Os que se encontram nestas circunstâncias podem estar certos de que não serão defraudados, pois a Igreja está com eles e o Papa abraça, com o coração e com a sua palavra de alento, todo aquele que sofre a injustiça.

João Paulo II, depois de ter sido longamente aplaudido, acrescentou:

Não sou contrário aos aplausos, porque quando aplaudis o Papa pode descansar um pouco.

Os ensinamentos de Jesus conservam íntegro o seu vigor no limiar do ano 2000. São válidos para todos vós, meus queridos irmãos. Na busca da justiça do Reino não podemos deter-nos diante das dificuldades e incompreensões. Se o convite do Mestre à justiça, ao serviço e ao amor é acolhido como Boa Nova, então o coração alarga-se, transformam-se os critérios e nasce a cultura do amor e da vida. Esta é a grande transformação que a sociedade necessita e espera; e só poderá ser alcançada se antes se produzir a conversão do coração de cada um, como condição para as necessárias mudanças nas estruturas da sociedade.

6. «*O Espírito do Senhor enviou-Me para proclamar a libertação aos cativos... a mandar em liberdade os oprimidos*» (Lc 4, 18). A boa nova de Jesus deve ser acompanhada de um anúncio de liberdade, apoiada sobre o sólido fundamento da verdade: «*Se permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente Meus discípulos, conhecereis a verdade e a verdade libertar-vos-á*» (Jo 8, 31-32). A verdade a que se refere Jesus não é só a compreensão intelectual da realidade, mas a *verdade sobre o homem* e a sua condição transcendente, sobre os *seus direitos e deveres, sobre a sua grandeza e os seus limites*. É a mesma verdade que Jesus proclamou com a Sua vida, reafirmou perante Pilatos e, com o Seu silêncio, diante de Herodes; é a mesma que O levou à cruz salvadora e à Sua ressurreição gloriosa.

A liberdade, que não se funda na verdade, condiciona de tal forma o homem que algumas vezes o faz objecto e não sujeito do seu contexto social, cultural, económico e político, deixando-o quase sem nenhuma iniciativa para o seu desenvolvimento pessoal. Outras vezes essa liberdade é de aspecto individualista e, não tendo em conta a liberdade dos outros, encerra o homem no seu egoísmo. *A conquista da liberdade na responsabilidade é uma tarefa imprescindível para toda a pessoa*. Para os cristãos, *a liberdade dos filhos de Deus* não é somente um dom e uma tarefa, mas alcançá-la supõe um inestimável testemunho e um genuíno contributo no caminho da libertação de todo o género humano. *Esta libertação não se reduz aos aspectos sociais e políticos*, mas encontra a sua plenitude no exercício da *liberdade de consciência, base e fundamento dos outros direitos humanos*.

Respondendo à invocação feita pela multidão:

«O Papa vive e quer-nos todos livres!», Sua Santidade disse:

Sim, vive com aquela liberdade para a qual Cristo vos libertou.

Para muitos dos sistemas políticos e económicos hoje vigentes, o maior desafio continua a ser o *conjugação liberdade e justiça, liberdade e solidariedade*, sem que nenhuma fique relegada a um plano inferior. Neste sentido, a *Doutrina Social da Igreja* é um esforço de reflexão e proposta, que

procura iluminar e conciliar as relações entre os direitos inalienáveis de cada homem e as exigências sociais, de modo que a pessoa alcance as suas aspirações mais profundas e a sua realização integral, segundo a sua condição de filho de Deus e de cidadão. Eis por que *o laicado católico* deve contribuir para esta realização, mediante a *aplicação dos ensinamentos sociais da Igreja nos diversos ambientes*, abertos a todos os homens de boa vontade.

7. No Evangelho proclamado hoje aparece a justiça intimamente ligada à verdade. Assim se vê também no *pensamento lúcido dos pais da Pátria*. O Servo de Deus *Padre Félix Varela*, animado pela fé cristã e a fidelidade ao ministério sacerdotal, semeou no coração do povo cubano as *sementes da justiça e da liberdade*, que ele sonhava ver florescer numa Cuba livre e independente.

A doutrina de José Martí sobre o amor entre todos os homens tem raízes profundamente evangélicas, superando assim o falso conflito entre a fé em Deus e o amor e o serviço à Pátria. Escreve este prócer: «Pura, desinteressada, perseguida, martirizada, poética e simples, a religião do Nazareno seduziu todos os homens honrados... *Todo o povo necessita ser religioso*. Deve sê-lo não só na sua essência, mas também pela sua utilidade... Um povo irreligioso morrerá, porque nada nele alimenta a virtude. As injustiças humanas desprezam-na; é necessário que a justiça celeste a garanta».

Como sabeis, *Cuba tem uma alma cristã* e isso levou-a a ter *uma vocação universal*. Chamada a vencer o isolamento, deve abrir-se ao mundo e o mundo deve aproximar-se de Cuba, do seu povo, dos seus filhos que, sem dúvida, são a sua maior riqueza. *Esta é a hora de empreender os novos caminhos* que exigem os tempos de renovação que vivemos, ao aproximar-se o Terceiro Milénio da era cristã!

8. Queridos irmãos: *Deus abençoou este povo com verdadeiros formadores da consciência nacional*, claros e firmes expoentes da fé cristã, como o mais valioso sustentáculo da virtude e do amor. Hoje os Bispos, com os sacerdotes, religiosos, religiosas e fiéis leigos, esforçam-se por construir pontes para aproximar as mentes e os corações, propiciando e consolidando a paz, *preparando a civilização do amor e da justiça*. Estou no meio de vós como *mensageiro da verdade e da esperança*. Por isso quero repetir o meu apelo a *deixar-vos iluminar por Jesus Cristo, a aceitardes sem reservas o esplendor da Sua verdade*, para que todos possam *empreender o caminho da unidade por meio do amor e da solidariedade*, evitando a exclusão, o isolamento e o conflito, que são contrários à vontade do Deus-Amor.

Que o Espírito Santo ilumine com os seus dons todos os que têm diversas responsabilidades sobre este povo, que levo no coração. E que a Virgem da Caridade do Cobre, Rainha de Cuba, obtenha para os seus filhos os dons da paz, do progresso e da felicidade.

Este vento de hoje é muito significativo, porque o vento é símbolo do Espírito Santo. «*Spiritus*

spirat ubi vult, Spiritus vult spirare in Cuba». Digo as últimas palabras em latim, porque Cuba também pertence à tradição latina. A América Latina, Cuba latina, língua latina! «Spiritus spirat ubi vult et vult Cubam». Até à próxima!

© Copyright 1998 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana